

José Maria Pereira dos Santos

Mestre dos saberes indígenas, idealizador do primeiro museu indígena do Ceará e segundo do Brasil

José Maria Pereira dos Santos – Master of indigenous knowledge, creator of the first indigenous museum in Ceará and second in Brazil

Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 26/05/2025

Francisco Reginaldo da Silva Santos

Antonia Leila Souza Costa Santos

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

O povo indígena Kanindé de Aratuba habita no município de Aratuba, estado do Ceará, nas aldeias Fernandes e Balança. Conforme relatos e documentos, chegaram na região no século XIX e se fixaram na “quebrada dos Fernandes” no início do século XX. O ano de 1995 marca o início do movimento de afirmação étnica e da mobilização na luta por seus direitos. Este estudo visa enveredar pelas narrativas do povo Kanindé, trazendo de forma contextualizada a história de uma das lideranças mais importantes na atualidade, o senhor José Maria Pereira dos Santos, também conhecido como cacique Sotero, idealizador do primeiro museu indígena do Ceará e o segundo do Brasil, tendo como referência também a luta do povo indígena Kanindé por seus direitos constitucionais e a luta pela demarcação do território indígena Kanindé. Busca também mostrar a trajetória de uma liderança que permanece viva e lutando pelos direitos de seu povo de forma coletiva. Assim, enveredamos por sua história de luta e determinação.

Palavras-chave: Povo Kanindé; museu indígena; trajetória.

ABSTRACT

The Kanindé de Aratuba indigenous people live in the municipality of Aratuba, state of Ceará/BR, in the villages Fernandes and Balança. According to reports and documents, they arrived in the region in the 19th century and settled in “Quebrada dos Fernandes” at the beginning of the 20th century. The year 1995 marks the beginning of the movement of ethnic affirmation and mobilization in the fight for their rights. This study aims to explore the narratives of the Kanindé people, contextualizing the story of one of the most important leaders today, Mr. José Maria Pereira dos Santos, also known as Cacique Sotero, creator of the first indigenous museum in Ceará and the second in Brazil, also taking as a reference the struggle of the Kanindé indigenous people for their constitutional rights and the struggle for the demarcation of the Kanindé indigenous territory. Seeking to show the trajectory of a leadership that remains alive and fighting for the rights of its people in a collective way. This is how we embark on his story of struggle and determination.

Keywords: Kanindé people; indigenous museum; trajectory.



*Cada um traz consigo,
sua essência verdadeira.
Que podem ser registradas, de toda e
qualquer maneira. Mas não adianta
ir à luta sem levar sua bandeira.*

Reginaldo Kanindé

Caminhar pelas veredas da história do povo indígena Kanindé de Aratuba, após a década de 1990, e não ouvir o nome José Maria Pereira dos Santos, cacique Sotero ou até mesmo Potrofó, significa uma falha muito grande no contexto histórico, político, social e cultural desse povo, uma desconsideração ao seu legado histórico.

Nascido no dia 15 de novembro de 1943 na cidade de Aratuba, José Maria Pereira dos Santos é filho de Lafayette Francisco dos Santos e de Maria Pereira dos Santos, ambos agricultores e residente na comunidade Fernandes, tendo familiares espalhados tanto na serra como no sertão do município de Canindé, onde também se encontra a aldeia Gameleira, que pertence igualmente ao povo Kanindé. José Maria Pereira dos Santos, um menino brincalhão que gostava de viver nos matos, caçando e ajudando os pais na agricultura e nas atividades de casa. Desde muito cedo iniciou sua contribuição na comunidade. Por volta do ano de 1964, abriu uma pequena bodega, onde vendia algumas coisas e comprava os produtos que eram produzidos na comunidade. Realizava a compra de milho, fava, feijão de arrancar, mamona, algodão e posteriormente vendia para outras pessoas que compravam em abundância. Tudo isso contribuía com o comércio local, porém, com o passar do tempo, percebeu que era um atravessador, e que seria mais fácil os agricultores venderem diretamente, assim teriam um lucro maior na venda de seus legumes. Dessa forma, no ano de 1974, resolveu fechar a pequena bodega, e assim os produtores passaram a vender diretamente para os compradores por um preço melhor.

No decorrer de sua trajetória, cacique Sotero casou-se com Terezinha da Silva Santos, conhecida como dona Tereza ou Tereza do Sotero. Juntos, construíram uma bela família, tendo cinco filhos – três homens e duas mulheres. Dona Tereza, sempre ao seu lado, contribuiu com o processo de afirmação étnica, principalmente vol-

tada para o artesanato indígena, trabalhando com penas e sementes na confecção de colares, cocares, pulseiras, entre outros.

O processo de migração do povo Kanindé é repassado através da tradição oral pelos mais velhos da aldeia, fazendo um panorama das rotas percorridas devido às grandes secas e à expulsão dos territórios pelos grandes fazendeiros e proprietários de gado, o que os levou a se situarem no município de Aratuba por volta de 1915. Sem nenhuma afirmação étnica, permaneceram em silêncio por um longo período, porém praticando a cultura, sobrevivendo da agricultura e da caça de pequenos animais como fonte de alimentação. Segundo descrito no livro *Fruto que brotou da luta pela terra* (Ceará, 2007), nas andanças dos índios Kanindé pelas matas, eles armavam quixó, fojos (ou “forjas”) e faziam fogo para atrair as caças, sendo estes seus modos de caça. Durante muito tempo, os Kanindé permaneceram vivendo de forma isolada na comunidade Fernandes que, conforme os relatos, era diferente de todas as outras comunidades do pequeno município de Aratuba. Lá, eles só andavam agrupados, praticavam trabalhos coletivamente e eram muito ligados à igreja católica, com o apoio de padres como o padre Zé Maria e o padre Moacir. Era uma comunidade muito organizada socialmente desde o início e sempre viviam praticando sua cultura.

Já situados na aldeia Fernandes, os Kanindé trabalhavam em uma área de terra chamada de Gia. Essa área era utilizada por eles para o plantio e, após essa etapa, a mesma área era utilizada pelos moradores do Assentamento Alegre para a criação de gado – esse processo se dava de forma pacífica entre as comunidades. Porém, em 1995 ocorreu um conflito entre as duas comunidades, dando início à luta pela terra conhecida como “a luta pela terra da Gia”. Isso ocorreu quando os agricultores do Assentamento Alegre iniciaram a construção de um “pique”, abertura de um local para cercar o terreno que era utilizado de forma coletiva pelos agricultores do assentamento e pelos indígenas do povo Kanindé. Dessa forma, iniciou-se o conflito que por pouco não virou um conflito armado entre os indígenas e os assentados. Chegou a ocorrer ameaças, e os indígenas dormiam no local, protegendo-o, para que não ocorresse uma invasão. Nesse contexto, o povo, que até então permanecia calado, quebra o silêncio e se autodeclara como povo indígena Kanindé.

Nesse mesmo ano, a comunidade havia recebido um convite para participar de uma reunião da Associação Missão Tremembé (Amit), coordenada pela senhora Maria Amélia Leite. Para esse encontro, foram convidados os irmãos José Maria Pereira dos Santos e Cicero Pereira dos Santos. Ao participarem desse momento com os povos indígenas do estado do Ceará, eles perceberam e compreenderam rapidamente que era hora de se declararem como indígenas, pois, conforme avançavam a reunião e as discussões, perceberam a ligação direta com o processo histórico e com a realidade da comunidade Fernandes, assim também com outros marcos temporais guardados ainda na mente dos anciões e lideranças da comunidade. Esse momento fortaleceu ainda mais o instinto de liberdade e afirmação, levando em consideração o medo que se tinha no período devido às atrocidades ocorridas anteriormente contra os povos indígenas e o silenciamento existente no estado, que aos pouco ia se quebrando, com os povos indígenas se afirmando e lutando por seus direitos.

Ao chegarem na comunidade, realizaram reuniões e se organizaram mais ainda, principalmente pela luta do território conhecido como Gia e pela afirmação étnica como povo indígena Kanindé. José Maria Pereira dos Santos, por ser um dos principais agentes nesse processo de afirmação, logo foi nomeado cacique, e Manoel dos Santos Souza, conhecido como seu Maciel, foi nomeado pajé – pelo conhecimento que possui das matas e das plantas medicinais.

Assim, em 1996, no auge do conflito pela posse da Gia com os trabalhadores e depois assentados da fazenda Alegre, os Kanindé buscavam ouvir seus mais velhos, suas lembranças e o que contavam sobre os antepassados. Este registro é resultado e vestígio de um acirrado e conflituoso processo de disputas sociais e simbólicas entre identificações sociais e reconhecimento étnico (Gomes, 2012, p. 96).

Esse processo de luta foi muito forte, tendo inclusive risco de morte. Nessa retomada, a comunidade teve o apoio do povo indígena Tremembé, que contribuiu até mesmo no acampamento que foi montado na extrema e no local da cerca que foi feita para delimitar a área reivindicada pelos Kanindé, destacando-se a participação do cacique João Venâncio e do pajé Luiz Caboclo, ambos do povo Tremembé de Almofala.

Com a luta pelo território, o povo Kanindé estava lutando por um direito que está garantido no artigo 231 da Constituição brasileira, que diz: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (Brasil, 1990, p. 146). Em seu primeiro parágrafo, a questão fica ainda mais clara:

§1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (Brasil, 1990, p. 146).

Retornando à história da infância, José Maria havia sido “batizado” ou “apelidado” como Sotero pelo seu avô, quando ainda tinha três anos de idade, segundo sua mãe, ficando o mesmo conhecido como cacique Sotero. Além de Sotero, ele também é conhecido pelo pseudônimo Potrofó. Ele conta que realizava muitas viagens no início e que, em uma delas, ouviu essa palavra e, quando retornou para a aldeia, se intitulou Potrofó, chamando também outras pessoas de Potrofó. Mas afirma que não sabe o significado da palavra e diz “que é como se fosse uma brincadeira”.

No mesmo ano, cacique Sotero abre ao público o Museu Indígena Kanindé, sobre o qual nos conta como foi seu início, com a primeira peça.

A gente, vendo a história do museu, pode dizer que foi conhecida por uma pedra preta que achei no sertão ali embaixo, no pé da serra, que amostrei à minha mãe. Era uma pedrinha preta, aí nós conhece ela como pedra rutil, mas quando eu amostrei a ela, disse: “Oi, Sotero, essa pedra é pedra dos índios, é isso, a gente. Você guarde ela que um dia vocês vão precisar dela”, dizendo, assim, pra butá assim num museu. Aí perguntei a ela: “O que é um museu, mamãe?”. Ela respondeu: “O museu são coisas velhas, antigas, coisa que a gente deixa de herança...”. Os índios, onde moravam, tinham tudo essa coisa, e ela é sempre uma pedra que, segundo dizia meus avô, que elas escreviam nas outras pedras. A gente escrevendo e dizendo o nome daquela história da gente, e eu fui e guardei a pedra. Guardei essa pedra, eu era, bem dizer, menino... foi em 1958 que achei a pedra. Quando foi em

1995, a missão Tremembé foi e me convidou para eu arranjar uma pessoa e eu ir a uma reunião lá em Maracanaú, né? Aí, quando eu cheguei lá, essa reunião era uma reunião sobre índio, e eu me lembrei quando eu vi a história, quando eu vi a história dos antepassados, aquelas coisa todinha... Me lembrei da pedra, e ela ia ser uma história nossa. E eu, quando eu chegar na minha comunidade, na serra, eu ia formar assim umas peçazinhas já contando a história, a nossa história. E isso aconteceu... que, quando eu cheguei mesmo, eu fui e fizemo uma reunião e cada vez mais se fortifiquemo, acreditando que nós era índio mesmo, porque nossos avós, a nossa mãe dizia que nós era índio, que nós gostava sempre de ir pos mato e só voltar tarde dos mato, e ela chamava a gente de índio, e esta pedra pra mim foi uma experiência, que ela era uma coisa que a gente podia formar ela num museu.

O antigo quartinho que servia também como bodega e atendia à comunidade, fechado em 1974, passou a ser o que posteriormente seria denominado Museu Indígena Kanindé. Nesse espaço, cacique Sotero começa a organizar as primeiras peças, e, em 1995, já havia se transformado em um museu, mesmo sem essa definição – é o que nos diz o próprio idealizador:

Já tinha várias peças, agora era uma coisa que eu não comparava como fosse um museu. Por exemplo, o cachimbo, que é uma coisa mais linda da vida, como outras peças que a gente achou dentro da área indígena... alguma delas eu já tinha, mas ela veio crescer mais depois que a gente formou o museu, né? E a mais, eu já tinha algumas peças, mas com a palavra museu e com a palavra da pedra que era indígena, foi essa que a minha mãe passou pra mim, né?



Figura 1. Antiga sede do Museu Kanindé.

Foto: Alunos do núcleo educativo do Museu Kanindé, 2011.

Assim, o Museu Indígena Kanindé foi crescendo e, a cada dia, recebendo mais peças e constituindo um belo acervo.

O acervo começou a ser coletado antes, mas foi principalmente após 1995, os primeiros anos de mobilização étnica, que se foi avolumando com mais rapidez, como vestígio desse processo. O pessoal chegava e dizia, “Sotero, achei essa peça lá no local onde eu trabalho”, numa mata, por exemplo. Compreendemos a constituição deste acervo como parte do processo de mobilização por reconhecimento. Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um presente indígena: participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias etc. (Gomes, 2012, p. 111)

O tempo foi passando e, no ano de 2011, com o trabalho do professor Alexandre Gomes e o grupo de trabalho (GT) que foi constituído, ocorreu o processo de catalogação de 430 peças do acervo do museu, que foram devidamente registradas e catalogadas, com a elaboração do inventário de cada peça, dentre elas, artesanatos, pele de animais, pedras, cédulas, pés de animais, cabaças, cascos etc.

Sempre militante na luta por direitos em sua trajetória, caci-que Sotero foi delegado sindical do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais de Aratuba, onde defendeu por muitas vezes os agricultores do município e principalmente os da comunidade Fernandes, que sempre sobreviveu da agricultura de subsistência plantando milho, macaxeira, mandioca, feijão, fava, mamona etc., e praticando a caça com a utilização de diversas técnicas e armadilhas.

Mesmo com pouca leitura, tendo concluído apenas o segundo ano do ensino fundamental, cacique Sotero é um grande conhecedor das leis e dos direitos sindicais. Ele, juntamente com seu irmão Cicero Pereira e outras lideranças indígenas, fundaram em 1998 o Conselho Indígena Canindé de Aratuba (Cica), tendo como presidente o próprio cacique Sotero. O objetivo era lutar por projetos que beneficiassem a comunidade e a organização do povo, e o conselho teve, no ano de sua fundação, um total de 66 associados. Posteriormente, no ano de 2000, o Cica passou a ser denominado Associação Indígena Kanindé de Aratuba (Aika). A associação teve o apoio da Amit para a criação e organização documental (regimento e estatuto). Teve apoio de Maria Melha, juntamente com lideranças indígenas do povo Tremembé, e de José Walter, um grande parceiro no processo de criação da Aika. Cacique Sotero e seu irmão Cicero Pereira passaram alguns mandatos se revezando à frente da mesma, sempre realizando reuniões, escrevendo projetos juntamente com parceiros, organizando o povo e criando estratégias de lutas em busca de direitos como saúde, educação e, principalmente, a demarcação da terra.

No ano de 1999, inicia-se mais uma batalha, e mais uma vez cacique Sotero permanece à frente da luta juntamente com outras lideranças. Neste ano, começa a luta pela educação escolar indígena. Era hora de mais uma batalha, tendo em vista o sofrimento que os curumins da aldeia sofriam estudando em escolas municipais, passando por preconceitos e desrespeito por se declararem indígenas.

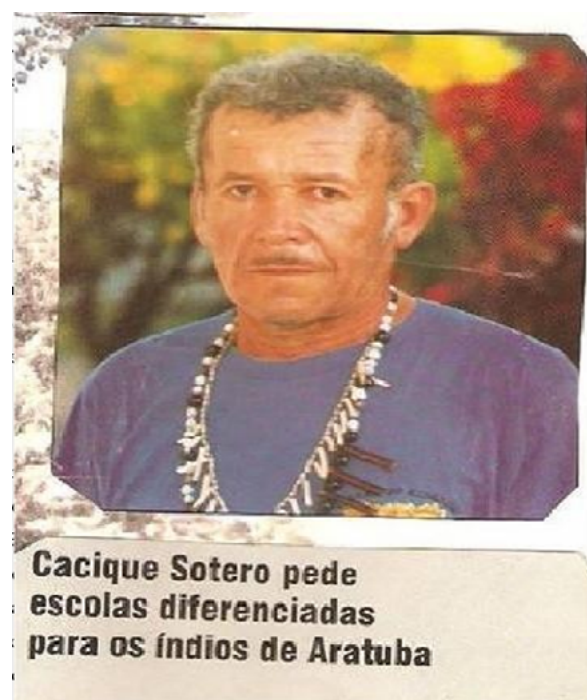


Figura 2. Cacique Sotero na luta pela educação escolar indígena.

Acervo do autor, 1999.

Assim, em 1999, se inicia a educação escolar indígena Kanindé com a educação de jovens e adultos (EJA) e, no ano posterior, com os alunos do ensino fundamental I. O esforço então era para ter o reconhecimento do estado, o que foi conseguido com muita luta e sofrimento por meio de reuniões e mobilizações para a garantia de todos os direitos – desde um espaço adequado até o pagamento de professores, que, durante muito tempo, lecionaram embaixo de árvores e sem remuneração, trabalhando de forma voluntária.

No ano de 2002, o governo do estado, em parceria com a Secretaria de Educação, abre o magistério indígena para a formação de professores, após muitas lutas. Nesse processo, até mesmo as lideranças participaram dessa formação, na qual o cacique Sotero foi um dos que participou, contribuindo significativamente.

No ano de 2004, foi aprovado um projeto para a construção de cinco escolas indígenas no estado do Ceará, e uma delas na aldeia indígena Kanindé. Depois de muita luta e entraves, no ano de 2005, a aldeia recebeu o prédio que ganhou o nome de Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, nome do doador do terreno para a construção. Devido a aldeia ser localizada em uma serra, foi neces-

sário o replanejamento da planta da escola, pois, pelo projeto original, as escolas deveriam ser construídas em formato de cocar. Apesar de ter um local para a escola, foi necessário adaptar o projeto, sendo, então, construído um prédio com dois andares.

No decorrer dos anos, surgem outras parcerias, e a formação dos professores passa para um nível mais elevado com a criação da Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Nesse processo, a escola foi se adaptando e foram surgindo novas turmas. Em 2013, fechou o ciclo, e a escola passou a atender desde a educação infantil ao ensino médio, surgindo outras formações para professores. Hoje a escola conta com cerca de duzentos alunos matriculados. É uma escola legalmente reconhecida e credenciada pelo Conselho de Educação do Estado do Ceará, e uma das melhores escolas indígenas do estado. Ela oferta disciplinas convencionais, e a parte diversificada aborda o contexto social político e cultural dos Kanindé, fortalecendo a luta e a afirmação étnica do povo. A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos possui em sua fachada um *banner* de 3x5 metros de altura ao lado do nome da escola em homenagem à luta de cacique Sotero por uma educação específica e diferenciada que atendesse às necessidades do povo indígena Kanindé.



Figura 3. Fachada da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos com *banner* em homenagem a cacique Sotero. Foto do autor, 2025.

Toda essa luta por uma educação específica e diferenciada está garantida na Constituição Federal, assim como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) em seu artigo 78, que traz a seguinte redação:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Todos esses direitos estão garantidos por lei, porém, vivemos em um país onde é necessário lutar para que os direitos sejam colocados em prática, e isso traz uma referência de luta e resistência.

Após a educação, outro ponto importante para a comunidade era a saúde. Muitas crianças adoeciam, e, apesar de a medicina tradicional ser muito utilizada na comunidade, em muitos casos não tinha outra forma a não ser levar para a cidade. Nesses casos, era preciso levá-las para a sede do município, distante mais de 5 km, muitas vezes na rede, com a utilização de um pau como suporte e os homens apoiando-o no ombro. Nesse processo, mais uma vez cacique Sotero, um líder nato, juntamente com outras lideranças, travaram uma luta coletiva do movimento indígena pelo direito à saúde indígena.

Essa batalha também foi uma luta muito grande e o cacique Sotero se destacou com mais essa conquista e com a mobilização para a organização da saúde. Nesse período ele já não era mais presidente da Aika e passou a ser presidente do conselho local de saúde indígena e representante do povo indígena Kanindé no conselho distrital. Foram muitas reuniões, viagens, conferências, entre outros momentos em que Sotero esteve presente na luta por uma saúde que atendesse à comunidade e valorizasse também os conhecimentos tradicionais. O povo indígena Kanindé, como outros povos, passou a ter em suas aldeias uma equipe de saúde indígena, e com essa conquista era

necessário também um local adequado para a equipe que atendia em um prédio do município, um pequeno posto na aldeia.

Assim, com uma mobilização geral, a luta passa a ser por um espaço apropriado. No ano de 2019, foi construído na aldeia um polo base de saúde, que hoje atende as três aldeias do povo Kanindé: aldeia Fernandes, aldeia Balança e aldeia Gameleira, localizada no município de Canindé. A equipe atende também os indígenas Karão Jaguaribaras, localizados na aldeia Feijão, no município de Aratuba.

A história de um povo é marcada por seus líderes e por sua organização. Ser liderança não é algo simples, é doar a sua vida em benefício de uma comunidade ou de um povo, é sempre pensar coletivamente e lutar pelo bem comum. Nesse contexto, cacique Sotero tem seu nome marcado na organização social do povo Kanindé, na criação do primeiro museu indígena do Ceará e segundo do Brasil, na luta pela educação escolar indígena Kanindé e pela saúde indígena e, principalmente, na luta pelo território, tendo como referência a luta pela terra da Gia, que, para todos os povos indígenas, é essencial e primordial para a luta pelos demais direitos, e esse direito está garantido em nossa Carta Magna.

Porém, a vida não é só de lutas. No ano de 2019, cacique Sotero foi um dos onze premiados no edital de 2018 do projeto Tesouros Vivos da Cultura como mestre da Cultura, na categoria Cultura Indígena, pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, sendo referência quando se fala em museus indígenas por causa da idealização, organização e criação do Museu Indígena Kanindé de Aratuba. Nesse processo, também recebeu da Universidade Estadual do Ceará (Uece) o título de “notório saber em cultura popular”. Sua história é repleta de lutas e desafios superados a cada momento e sempre sonhando com o próximo passo. Todas essas conquistas foram sonhadas e pensadas durante anos, e, como um fio condutor, cada uma delas foi seguindo seu propósito e sendo realizadas para o bem-estar e a preservação da cultura indígena do povo Kanindé. Cacique Sotero, como todo o povo, ainda luta pelo sonho de ter o território demarcado.

Entrevista

A presente entrevista foi realizada no dia 27 novembro de 2024 na residência do senhor José Maria Pereira dos Santos – cacique Sotero – na aldeia indígena Fernandes, no município de Aratuba, no estado do Ceará, registrada em áudio e vídeo.

A entrevista não buscou traçar um modelo de formulário de perguntas e respostas, e sim um diálogo bem aberto, fazendo com que o entrevistado se sentisse bem ao contar e detalhar os fatos do processo de criação do Museu Indígena Kanindé, sem interrupções, de uma forma simples, levando em consideração sua forma de falar e seus conhecimentos.

Assim, o desenvolvimento da entrevista teve apenas duas perguntas respondidas de forma bem explicada, em um processo cronológico e histórico, favorecendo, assim, o entendimento dos aspectos históricos e culturais. As perguntas foram as seguintes:

1ª Como se deu o processo de formação do Museu Indígena Kanindé?

2ª Levando em consideração o aspecto de sua sala hoje, existem dois museus kanindé ou somente um?

Segue a entrevista.

Como se deu o processo de formação do Museu Indígena Kanindé?

O que eu quero contar, porque os outros já vêm contando as outras coisas, é a história do nosso museu, que se criou aqui na aldeia Fernandes. Eu, Sotero, quando eu tinha doze anos, nessa base de doze pra catorze, quinze anos, eu achei uma pedra lá na mata e cheguei e amostrei à minha mãe; minha mãe já se foi, já tá falecida. Aí quando eu cheguei, ela foi e disse: “Sotero, tu guarda essa pedra que essa pedra é dos índios, dos índios escrever nas pedras, escrever os nomes deles, essas coisas assim”. E eu guardei a pedra, né? E aí eu guardei a pedra, e quando eu já tava já com os meus vinte, trinta anos, ou mais disso, eu fui numa reunião em Fortaleza, fui chamado por uma mulher que trabalhava com os índios,

né? Aí ela disse que eu arrumasse uma pessoa e fosse para Fortaleza assistir um encontro lá. Aí eu arrumei o Ciço, meu irmão, falei com ele. Nós fumo só nós dois, e aí, quando nós chegemo lá, era em cima da serra da Munguba. Aí, a gente tava nessa reunião lá, e passemos os três dias, e quando foi no quarto dia, a gente foi falar no museu. Fumo falar num bucado de coisa, era um grupo de índio que tinha lá, né? Era os índios Tremembé, era os Tapeba, era os Pitaguary, era os Jenipapo Kanindé e era nós, os Kanindé, né? E aí eu fui e me lembrei quando tava falando em museu, me lembrei da pedra que minha mãe disse. Isso foi... agora vou até dizer a data, foi em 1995 que eu fui nesse encontro lá em Fortaleza, né? “Ói, eu achei a pedra, eu era menino, eu era frangote, e a minha mãe mandou guardar, guardei”. E aí lá em Maracanaú em 95, quando falaram nessa história de museu indígena e como era as coisas que se parecia, aí eu fui e me lembrei da pedra que achei, que eu tinha achado e é que eu tinha guardado essa pedra que ela tinha mandado guardar. Guardei mais eu, eu não pensava ainda que fosse um museu, eu não sabia, não conhecia bem o que era museu nesta época que eu era frangote, né? Eu conhecia, já tinha lembrança que eu era índio, nós já era de uma família indígena, né? Mas negócio de museu eu num tinha um bom conhecimento do que significava, não. Mais daí, de 95 pra cá, quando nós vimo a história da pedra do lapi daonde como era que gerava essa escrita preta que a gente butava numa parede, numa coisa a que disse que era dos índios no passado [pinturas rupestres], aí foi, eu fui e depois que cheguei do encontro, eu fui, cheguei na aldeia que hoje é a aldeia Fernandes dos índios Kanindé, eu fui e botei, peguei a pedra, botei ela em cima de uma mesa e fui. E aí a gente, eu fui contado a história, e aí o povo foram chegando, eu fui contando a história e dizendo o que era aquilo dali, o que significava e aí a gente ia formar um museu.

Eu, no meu pensar, porque eu não gosto de dizer eu, só gosto de dizer nós... mas foi, eu no meu pensamento, eu é que no meu pensamento eu fui e disse não, pois eu vou butar essa pedra pra amostrar que é pra gente formar um museu dela. E aí a gente foi, os meus companheiros foram trabalhando nas matas achando as peças e aí aquelas peças de caco de teia bem grosso, cachimbo, essas coisas tudo e foi trazendo e me entregando e eu fui fazendo o

museu, fazendo o museuzim. Isso foi na minha casa, né? Depois o museu cresceu e aí foi preciso já butar ele numa sala grande, só ele mesmo como museu, né?



Figura 4. Parte interna do Museu Kanindé. Foto do autor, 2025.

Olha, olha como a história do museu é grande pra chegar até onde ele está, né? E aí a gente foi, eu fui acreditando, o povo foi acreditando, porque a gente dizia que todas aquelas peças era, era peças veias antigas, que a minha mãe disse que essas coisas veia antiga era coisa de museu, né? Eu até fiquei pensando, hoje, quando eu conto a história, eu digo: meu Deus, será que é porque sou um museu vei, porque eu sou vei que só num sei o que né?... brincadeira. Eu já tenho 81, tô dentro dos 82 ano, aí pode me chamar de museu que eu aceito, não tem problema, não. Aí o que aconteceu que, quando tava bem arrumando as peças – que eu fui adquirindo peça, adquirindo e butando naquele canto –, veio uma pessoa – que essa pessoa eu chamo analista, que é pessoas sábias, né? E justificou que tudo aquilo dali era as coisas velhas que os índios usava de primeiro, né? Aí veio o quê na minha cabeça? Porque nós, no nosso local... na nossa aldeia, nós temo uma tradição muito grande de comer caça, a gente matava muita caça... e aí eu fui e pensei e fiz, e aí a gente comia a carne e do couro eu fiz, eu costurei o couro, eu

custuro aquelas coisas, aquelas pele tudo e boto no museu amostrando. Quando o povo vão olhar o museu, perguntam: “e esse couro vei, essas coisa?” Aí eu conto a história.

E sabe por que que eu fazia isso? É porque se eu, quando nós contasse a história lá pra trás pra vocês novo, eu fosse contar uma história dessa, vocês podiam até desmintir eu, porque eu contando coisa veia talvez era até conversa minha. Mas não, é verdade, porque eu digo matei a cobra e amostrai o pau, porque matei a cobra [apontando pro chão] e deixei o pau ali amostrando que era uma coisa de verdade, não era mentira que eu tinha matado a cobra. Aí eu fui e fiz tudo isso. O museu foi crescendo e hoje está um museu de primeira classe da história, um museu indígena, né? Porque são muitos museus que têm, né? Tem agora esses encontros lá em Fortaleza e com todos os museus [IV Fórum Estadual dos Museus Indígenas do Ceará, ocorrido em 2024 em Fortaleza]. Não é só indígena não, mas o velho veterando cacique vei está sendo chamado pra ir receber essa homenagem lá, graças a tudo e conhecimento da gente, né? Eu, cacico, eu tenho a maior admiração com vocês, né? Porque ele veio pra ensinar alguma coisa a vocês, o museu é uma escola boa de desenvolver vocês até na história. Se for possível, vocês vão pegar isso quando tiver fazendo faculdade, porque eu sei que quem faz essas coisas, os professores de lá perguntam alguma coisa sobre museu, sobre coisas de índio, porque a nossa história indígena é muito interessante.

Esse foi o meu conhecimento que hoje nós temos o museu kanindé aqui no sitio Fernandes, município de Aratuba. A minha história era essa, e através sempre da ajudazinha da minha companheira que é minha esposa, a Tereza. Foi muito importante esse desenvolvimento do museu, da história, porque através dela ser minha companheira, aí ela aprendeu a fazer artesanato que ela não fazia, mas aí aprendeu desse tempo de 95 pra cá. Pra você ver os modelos de artesanato que ela faz da inteligência dela, não recebeu curso nem nada, apenas ela hoje dá curso a algumas pessoas que ela mesmo já fez escola, já deu aula de museu, de artesanato e isso pra mim eu sei que eu vou deixar um... é, vou levar uma alegria pra onde eu for, né? Que me parece que já tô perto de sair do mapa, mas eu queria passar mais uns dias, né? Agora mesmo, sobre os mes-

tres, na outra semana eu vou para o Crato, Juazeiro, passar cinco dias lá em conjunto com os mestres, e tudo isso aí pra mim foi um descobrimento, desenvolvimento interessante. O que eu quero dizer para vocês nesse momento: um albrigado, muito albrigado, e não faltará ocasião que nós um dia fazer um encontro que vocês sejam mais dessenvolvido, vão fazer as faculdades de vocês façam mesmo, não vão ficar parrado nos canto, não, porque não ajuda muito não, porque pro machado, pra foiça, pra mata vocês não vão mais não. Tenho certeza disso. ●

No decorrer da entrevista foi feita a segunda pergunta, porém vale realizar um esclarecimento sobre a mesma, para uma melhor compreensão.

No ano de 1995, o Museu Indígena Kanindé foi aberto ao público e durante um longo período passou por processos de organização, com atualização e catalogação das peças e localizava-se, então, no quartinho que era a antiga bodeguinha. Entretanto, no ano de 2011, com o trabalho de pesquisa de mestrado do professor Alexandre Gomes, foi constituído o núcleo educativo do Museu Indígena Kanindé, com processo de formação para os monitores, limpeza e catalogação de todo o acervo. Nesse mesmo período, ocorreu uma mobilização para que o Museu Indígena Kanindé fosse deslocado para próximo da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, ficando mais acessível para visitantes e para estudos dos próprios alunos, pois o museu kanindé é considerado um local muito importante que preserva, conta e reconta a história do povo.

Por meio de recursos advindo de projetos, foi construída, atrás da escola, a nova sede do museu, com espaço adequado para a exposição das peças. Contando com duas salas de exposições e um local para os arquivos bibliográficos, havia espaço para todo o material ser organizado e, de forma muito cuidadosa, todas as peças foram deslocadas para a nova sede.

Ao se chegar hoje na casa do cacique Sotero, podemos observar em sua sala uma organização espacial que representa exatamente as mesmas características do museu kanindé, com várias peças expostas, como cocares, colares, filtro dos sonhos, fotos antigas,

entre várias outras. Dessa forma, é como se o próprio cacique não conseguisse viver longe do museu, transformando sua sala também em um cantinho especial que faz uma conexão com o museu próximo da escola. Isso fica bem claro quando perguntado sobre a organização espacial de sua sala.

Levando em consideração o aspecto de sua sala hoje, existem dois museus kanindé ou somente um?

É porque me fizeram uma pergunta que, quando vem pra minha casa, meu povo, eles veem a minha casa, minha sala, a sala da minha casa... veem ela completa de peça como tem lá no museu, né? O museu hoje é atrás da escola, bem pertim, e aí ele era na minha casa, era num quartin que eu tinha na minha... é bem pertim da minha casa. Aí ele foi tirado... eu, eu todo dia eu barria, eu zelava, eu fazia tudo ali com aquele gosto... eu rezava ainda como hoje eu rezo e tudo, a minha fé toda era como eu ainda tenho fé e aí eu fiquei... quando deram um assunto pro museu ir pra escola, quando o museu estava bem preparado na minha casa na sala – que isso era na minha sala e foi tirado – aí me deu uma emoção, eu não gosto, né, de falar, não... [silêncio e choro] Ainda hoje eu tenho essa emoção, porque ele foi tirado e foi lá pra escola, e a distância da minha casa pra escola é quase um quilômetro. E aí eu tenho aquele gosto, aquela vontade de... como ainda hoje eu zelo ele lá na escola, mas não era como era na minha casa, e aí eu fui, e imaginei e fiz algumas peças, alguns pensamentos de algumas coisas que eu tinha do museu que tá lá na escola, eu fui e fiz na minha casa também, pra eu ficar com aquela lembrança, eu não me esquecer, eu ter aquela fé. Quando chega a noite, eu tenho aquele momento e me lembro muito disto daí, né?... Chorei muito, que ainda hoje eu tenho emoção quando falo no meu museu antigo que era na minha sala... •



Figura 5. Sala da residência do cacique Sotero. Foto do autor, 2025.

A entrevista foi finalizada, levando em consideração o aspecto emocional do cacique Sotero, pois a segunda pergunta o deixou um pouco abalado. Quando vêm as lembranças do museu próximo a sua casa, é como se a sua paixão pela museologia fosse forte, e o museu representasse o mesmo amor que ele tem por um filho. É possível perceber isso pela emoção que ele demonstra nos momentos de entrevistas e falas sobre o museu, principalmente quando traz a referência do deslocamento do mesmo para próximo da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

Conclusão

A trajetória de cacique Sotero, apresentada neste trabalho, traz pontos cronológicos, históricos, sociais e culturais de sua trajetória, descrevendo suas batalhas e do povo Kanindé em buscas de melhorias e de manter viva a cultura de seu povo, uma história marcada por muitas lutas, muitas conquistas, deixando marcas históricas que sempre serão lembradas e estão registradas na história desse povo que sempre luta para sobreviver e permanecer praticando suas tradições. Cacique Sotero sonhou com uma edu-

cação específica e diferenciada, e hoje isso é realidade; sonhou em construir juntamente com seu povo o primeiro museu indígena do Ceará e segundo do Brasil; sonhou com uma saúde indígena que atendesse as necessidades do povo, que hoje também é realidade; ajudou a criar e a organizar a Associação Indígena Kanindé para a organização social do povo, entre vários outros sonhos realizados que hoje beneficiam a aldeia. O cacique ainda tem um sonho, que é ver o território indígena kanindé demarcado, e continua na luta com as demais lideranças para que seja realizado. Hoje, Sotero não é só uma referência para o povo Kanindé, mas também para o Ceará e para o Brasil, pois sua história de luta ultrapassa as fronteiras do território kanindé como um exemplo de luta e resistência.



Figura 6. Fachada da nova sede do Museu Kanindé. Foto do autor, 2025.

José Maria Pereira dos Santos – Cacique Sotero

1
No dia 15 de novembro
A aldeia estremeceu
No ano de 1943
Que este fato se deu
Nas quebradas dos Fernandes
Cacique Sotero nasceu.

2
Seu pai era Lafayette
A mãe, Maria Pereira
Todos dois agricultores
Tinhام luta verdadeira
Para alimentar os filhos
Atravessaram barreira.

3
Sotero foi apelido
Dado pelo seu avô
Quando ainda era menino
Mas logo se esticou
Com oito anos de idade
Já era trabalhador.

4
Pra ajudar a comunidade
Uma bodega abriu
Comprava milho e feijão
Não era um mercantil
Era um atravessador
E por isso desistiu.

5
Casou- se com dona Tereza
De família conhecida
E tiveram 5 filhos
Uma família querida
Que pra ele é orgulho
Para toda sua vida.

6
Sendo uma liderança
Um dia foi convidado
Para uma reunião
Com as tribos do estado
E lá viu a sua história
Da pedra até o roçado.

7
A pedra foi encontrada
Em área de se plantar
Pelo cacique Sotero
Uma pedra de riscar
Origem do museu kanindé
Primeiro do Ceará.

8
A história dessa pedra
É algo que nunca se viu
Ela é uma pedra preta
Chamada pedra rutil
Que deu origem ao museu
O segundo do Brasil.

9
A luta ainda permanece
Na mesma categoria
Entre reuniões e ameaças
O povo resistiria
Na luta pelo território
Da terra chamada Gia.

10
Um território bem grande
Usado pra plantação
E pra criação de gado
Do pessoal do sertão
No inverno pra plantar
No verão pra criação.

11
Por causa desse negócio
Foi que tudo ocorreu
O pessoal do sertão
Disse que tudo era seu
Aí assanhou os índios
Por pouco gente não morreu.

12
A briga foi logo grande
Logo a área foi cercada
E os Kanindé venceram
Esta batalha pesada
Nosso cacique Sotero
Estava nesta empreitada

13
Assim Sotero continua
Com sua contribuição
Ajudando a fundar
A primeira associação
Que tinha a sigla Cita
Na sua composição.

14
Com associação criada
A luta ainda permanece
Agora por educação
Que a aldeia merece
Uma educação indígena
Que começa e logo cresce.

15
Cacique Sotero pede
Escola diferenciada
Que atendesse os indígenas
De uma forma respeitada
Acabando os preconceitos
Sofridos pela meninada.

16
Assim a luta foi grande
Mais conquistas alcança
No ano de 2005
A escola inaugurada
Com professores indígenas
E escola registrada.

17
A luta passa pra saúde
Que só tinha a tradicional
Caso o caso fosse grave
Só indo pro hospital
Distante 5 km
Ia na rede no pau.

18
Para não ter confusão
Vou deixar bem explicado
Era colocado uma rede
Em um pau bem reforçado
Que colocavam nos ombros
Com o paciente deitado.

19
Com todo esse sofrimento
Aí as vitórias vêm
Foi com cacique Sotero
Nesta luta aqui também
Que hoje até um polo base
Feito na aldeia tem.

20
Com equipe se saúde
Que atende muito bem
Mas sem deixar de lado
E a importância que têm
Rezadeiras na aldeia
Que continuam também

21
Como todo grande líder
Que tenho conhecimento
A história sempre marca
O seu sucesso e seu talento
E é assim que Sotero
Construiu conhecimento.

22
Com todas essas grandes lutas
Que vive e sempre viveu
Ainda é um home forte
Que vive onde nasceu
E seu reconhecimento
Ate o estado lhe deu.

23
Lhe deu não por ter dado
Mas por sua história pura
Por tudo que foi citado
Uma vida sofrida e dura

Foi considerado no estado
Como mestre da Cultura

24
Assim se tornando mestre
Pela história merece
Até título de notório saber
Pela universidade Uece
Se tornando professor
De tudo que ele conhece.

25
De cada ponto citado
Eu só falei um pouquinho
A trajetória de Sotero
Tem longo e grande caminho
E pra viajar nessas veredas
Não consigo ir sozinho!!!

Reginaldo Kanindé!!

Referências

CEARÁ. Secretaria de Educação. Coordenação de Desenvolvimento da Escola. Célula de Aperfeiçoamento Pedagógico. *Fruto que brotou da luta pela terra: povo Kanindé Aratuba e Canindé*. Fortaleza: Importec, 2007.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 2020.

Francisco Reginaldo da Silva Santos | Mestre em Antropologia (PPGA UFC Unilab). E-mail: francisco.santos38@prof.ce.gov.br. | Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8118-9054>.

Antonia Leila Souza Costa Santos | Licenciada em Letras-Português pela UFC. E-mail: antonia.santos20@prof.ce.gov.br.

[<< Voltar ao início](#)